

E 10
P 1
N 76

A BORBOLETA



REVISTA LITTERARIA

DIRECTORES

HENRIQUE F. J. G. de MACEDO e QUINTINO J. G. de MACEDO

SUMMARIO

Dr. Alfredo José Caiaffa, Silvio de Almeida — *Dr. Alfredo José Caiaffa* — *Dr. Alfredo Caiaffa*, A Redacção — *A Lua*, Rodolpho Ihering — *Crepuscular* (Soneto), Quintino de Macedo — *Um coração dilacerado*, Joaquim T. Carvalho — *Jurity morta* (Poesia), Brenno Muniz de Souza — *Recordações*, Ricardo M. Gonçalves — *Reminiscencias* (Poesia), P. Soares — *O pôr do Sol*, A. de Vasconcellos — *Agradecimento* — *Publicações* — *Exposição Jornalística*.



S. PAULO

Typographia a vapor de Hennies Irmãos — Rua da Caixa d'Agua N. 1-C
1898

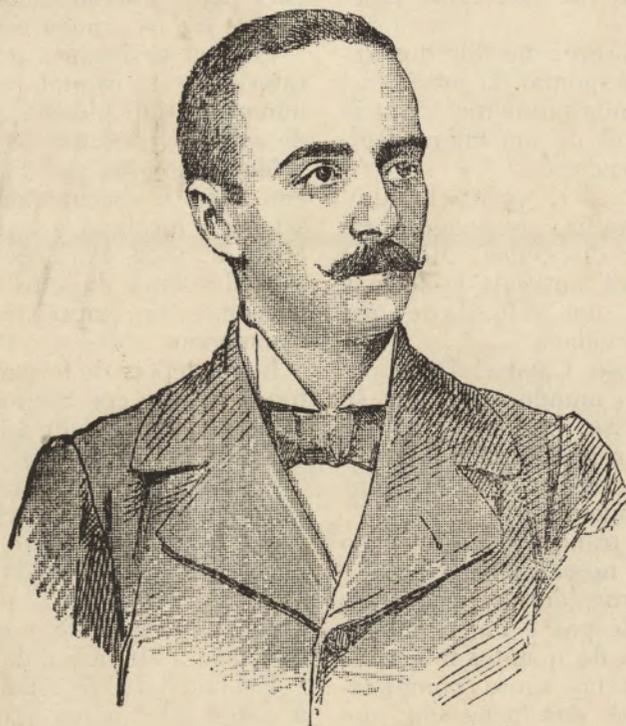
A BORBOLETA

REVISTA LITTERARIA

Directores: Henrique F. J. G. de Macedo e Quintino J. G. de Macedo

ANNO I. |

S. PAULO, 25 de Junho de 1899



Dr. Alfredo José Caiassa

Homenagem dos Alumnos

do

Gymnasio de S. Paulo

Dr. Alfredo José Caiaffa



Acaba de fallecer no Paraná este nosso distincto collega, que foi finalmente victima de uma lesão cardiaca, adquirida — quem sabe? — em sua trabalhosa vida de luctador indefesso...

Desappareceu na flor dos annos, no despontar da mocidade, quando ainda promettia á patria os primores de um talentô cultivado e energico.

Morreu... e, para choral-o, vêm a familia, os amigos, camaradas e discipulos. Morreu... como o sol, antes da noite, nas trevas de um eclipse, de que ninguem cuidava.

Venturoso Caiaffa! Desappareceste do mundo antes que se te esfolhasse, no inverno da vida, a viridente coma da arvore de fructos de ouro das tuas illusões ingenuas.

Dorme tranquillo no remanso da terra, nossa amiga eterna e boa... Dorme, dorme, feliz, nesse *nirvana* de paz e na carinhosa lembrança de quantos te conheceram. Estás agora completamente livre das luctas em que morreste e das feridas que te mataram...

Viverás muito melhor!

SILVIO DE ALMEIDA

Dr. Alfredo José Caiaffa



Nasceu a 6 de Agosto de 1867, na Freguezia de S.^{to} Antonio em Juiz de Fóra.

Ainda menino foi residir em Santos, em companhia de seu pae Elias Antonio Caiaffa. Em Santos fez os primeiros estudos.

Prestou os exames de preparatorios nesta capital, vencendo innumeradas difficuldades, por falta de recursos pecuniarios.

Matriculou-se na Faculdade em 1888 e bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes em Maio de 1892. Para occorrer ás suas despezas durante o curso, leccionava e empregava-se no commercio.

Logo depois de formado, voltou a residir em Santos, onde estabeleceu banca de advocacia, com bastante proveito.

Partidario entusiasta da politica do glorioso Marechal Floriano, teve o seu nome incluido na chapa que o partido organizou em 1893 para preenchimento de vagas de vereadores na Camara Municipal de Santos.

Em fins de 1894, estando vaga a cadeira de lingua italiana no Gymnasio, concorreu a ella e foi nomeado.

Ha tres annos manifestaram-se os primeiros symptomas da enfermidade que o levou á sepultura.

Falleceu em Curityba — no dia 15 de Junho — victima de uma syncope cardiaca, quando jantava.

Segunda para o Paraná a 9 do corrente, em goso de licença.



D.^r ALFREDO CAIAFFA

A *Borboleta* hoje cobre-se de luto, afim de manifestar o seu profundo sentimento, pela morte prematura do D.^r Alfredo José

Caiaffa, um dos Lentes mais distinctos do Gymnasio de S. Paulo.

Neste momento em que a tristeza nos invade o coração e em que a memoria daquelle preclaro Lente cada vez mais penetra em nosso espirito, enviamos á sua desolada familia os nossos mais sinceros e profundos votos de pezar.

A *Borboleta* profundamente abalada, curva-se respeitosa-mente ante o tumulo do illustre morto, afim de ahi depositar mais uma corôa de saudades.

A REDACÇÃO

A Lua

Aos Illustres Redactores d' A *Borboleta*)

Ainda no horizonte raiava o sol, o camponez trabalhava na roça, ainda Ave-Maria não era e já a lua apparecia no céu; ainda força não tinha para retratar-se nas aguas, nem para dardejar á terra seus raios de prata.

Mui cedo vieste e mui appressado foi teu andar, e as trevas e tuas fieis companheiras as estrellas, ainda bem tardarão.

Olha para a abobada ainda tão azulada, para as flores ainda entre-abertas: não reparas que a pallidez de teu rosto é de seu escarneo o alvo?

Mas não desesperes e da zombaria pouco caso farás! Pois

quando a capella do morro, Ave-Maria saudar, quando as flores fecharem as corollas e os bosques adormecerem, então terás recobrado teu limpido clarão! O lago que agora nem te repara, áquellas horas do amor te servirá de crystallino espelho!

E como agora o sol é soberano e austero imperador, serás tu oh lua saudosa, imperatriz benigna e amada e as estrellas em teu redor agrupadas servirte-hão qual humildes criadas.

RODOLPHO IHERING

Crepuscular



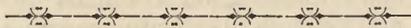
Morria a tarde... Ao longe na vallada,
O bronze chora enchendo de tristura
Os corações. Emquato desmaiada,
A lua surge de nitente alvura.

Soluça o arroio por entre a verdura;
Languidamente á espera da alvorada,
Dos ninhos no frouxel, a tribu alada
Dormita da folhagem na espessura.

Bem como a tribu alada dormitando
No frouxel dos seus ninhos, esperando
Surgir de novo a lúcida alvorada:

Assim minh'alma triste, triste espera,
Surgir de novo a doce Primavera
Do amor — ha muito em meu peito acabada.

QUINTINO DE MACEDO



Um coração dilacerado

a A. G.

O' Virgem! Não te lembras daquellas lindas tardes de abril, em que o monarca da luz resvalava pela face da terra os seus ultimos raios, e nós juntinhos, com os corações embalados numa rede de amores, passeiavamos naquelle jardim de encantos?

Não te lembras dos dialogos amorosissimos que tinhamos ás bordas daquelle lago, cujas aguas limpidas e crystallinas eram movidas apenas pela brisa blandiflua que do sul soprava?

Não te lembras daquella roseira, da qual tiraste um botão, m'ó poseste na lapella do paletot dizendo-me: em quanto existirem as petalas deste botão nosso amor será sempre fiel?

Não te lembras daquelle bosque a cujo ambiente perfumado, jurámos jamais afastar o laço estreito que unia os nossos pusillanimes corações?

Oh! meu Deus, tu que és todo grande e omnipotente, porque não me fazes voltar áquelles tempos verdadeiramente encan-

tadores? Virgem! Não te lembras daquelle anel que me deste na hora da minha partida, e das ultimas palavras que se desprezaram de teus labios, verdadeiros lenitivos para o meu acobrunhado coração?

O' emblema idolatrado d'outr'ora, me feriste com um punhal infrene, venenoso, cujo golpe jamais guarecerá emquanto existirem as petalas daquelle botão, emquanto tiver reminiscencias das bellas tardes de abril, emquanto, finalmente, tiver o anel, fonte de lembrança immarcessivel.

Amas outro, pois bem não te odeio, mas digo-te: adeus para sempre, até a eternidade.

Joaquim T. Carvalho



JURITY MORTA



I

Eu ia andando pela estrada a fóra
A olhar sem ver a esplendida natura
Quê toda em festa, rútila senhora,
Tinha a espessa folhagem de verdura,

E flores rubras como é rubra a aurora,
Que a tela oriental doura e moldura,
De um manto côr de purpura e de amora
Tenra e escondida, tímida e madura.

A estrada estava quieta si não fosse
De vez em quando um garrulo trinado
De alguma pequenina ave canóra

Que a aragem dessa hora, fresca e doce,
Trazia ao meu ouvido inebriado!
E eu ia andando pel' estrada á fóra!

II

O sol subia pelo céu acima,
Claro e orgulhoso da soberania,
De ser o magestoso rei do clima,
E governador despota do di!

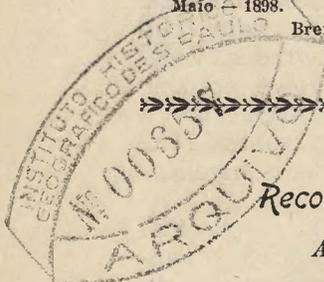
E aquella luz que aos passaros anima
Eu vi ao pé da vasta penedia
Bella e polida como uma obra prima,
Como uma estatua da mythologia,

Um corpo de ave leve e pequenina,
Que morreu lutando na defeza
Do ninho onde moravam filhos seus!

E ao ver passar na abobada azulina,
A passurada alegre, eu, com tristeza,
Me lembro da pombinha e penso em Deus!

Maio — 1898.

Brenno Muniz de Souza.



Recordações

A Raul de Freitas



Era uma noite do mez de Maio. Esse silencio tão doce e triste que o crepusculo nos dá, só era interrompido pelos soluços longinquos do bacurão e pelo cadenciado rumor do cateretê, que de tempos a tempos nos chegava aos ouvidos.

Ao longe na aba do cspigão a queimada lançava seus clarões avermelhados, que augmentavam ou diminuiam ao capricho do vento.

No apendrece d'esse casarão, que me traz á memoria tão bellos dias, estavamos nós silenciosos, seguindo os vôos da imaginação e contemplando o perfil gigantesco dos jatobás que se destacavam ao fundo do ho-

rizonte côr de fogo. Em que pensava eu? Não sei. Talvez pensasse no nada da existencia, que como o fumo da queimada tão depressa se esvahe não deixando um rastro na sua passagem; talvez pensasse naquelles que já não existem; não sei, mas com certeza meus pensamentos eram tristes como os soluços longinquos do bacurão, pois que n'aquella noite do mez de Maio adormeci com as lagrimas a me correrem pelas faces, enquanto chegava a meus ouvidos o rumor cadenciado do cateretê.

RICARDO M. GONÇALVES



Reminiscencias



« Chora, sim, porque tem prantos;
« E são sentidos e santos,
« Si chora pelos encantos
« Que nunca mais ha de ver »

(Casimiro de Abreu)

Saudades me assaltam, a todo momento,
Da infancia.. E, de balde, esquece-las eu tento.

Saudades são essas da Terra nata],
-- A patria querida, jamais com rival —
Do sol abrazante, luzente, dourado,
Do bello, do esplendido céu anilado,
Das altas montanhas, cobertas de flores,
Dos bosques que exhalam suaves olores,
Dos mansos regatos frementes que correm
Por entre campinas tão verdes! e morrem
Nos rios caudaes e de espumas torrados,
Das flores sylvestres que viciam nos prados,
Das niveas phalenas que adçjam do calix
Das flores em torno, em saltites, dos valles
Aonde volta irriquieto, feliz
O bando de verdes e azues colibris...

Tudo isto deixei!

E hoje mata-me ó céos!

Um mar de saudades com seus escarcéos !
 Ah ! tempo em que, alegre, no campo eu andava:
 Das flores as pétalas, rindo, arrancava,
 Correndo das niveas phalenas atraz...
 Ah ! sombras das arvores, frescas assaz,
 Onde eu descansava deitado ao relento,
 Ouvindo ciclar, na folhagem, o vento...
 E assim, quasi sempre, indolente eu dormia
 Aos canticos cheios de doce magia
 De passaros mil. E que meigos cantares
 Que cantos maviosos morrendo nos ares!
 E apenas concluiam-se os canticos magos
 As aves bicavam-se em meigos affagos
 E todas soltavam o altívolo vôo.

Mas, oh ! me esquecia (que ingrato que sou !)
 Da minha gentil companheira da infancia !
 Seu halito, sempre, era agreste fragrança,
 E as negras madeiros corxavam-lhe a face,
 Como aza de rôla que nella brincasse. .
 E, como avesitas alegres, louçãs,
 Nós dois saltitavamos pelas manhãs
 (As frescas manhãs !) voltando juntiuhos
 Bolindo, travessos, nos tepidos ninhos.
 Sempre ella, innocente, colhia uma flor
 E enfiava-a do peito na renda de alvor
 Diaphano e raro. E nos dias tristonhos,
 De nevoa os espaços cobrindo, os seus sonhos
 Narrava-me simples. E a graça que tinha
 Abrindo e reabrindo a mimosa boquinha !

Pois é desta virgem tão simples quão bella
 — Assim são as filhas do Norte — é só della
 Que tenho as saudades doridas que o peito
 Me rasgam, laceram e o tornam desfeito !...

A flor já está secca, e inda a beijo, inda a cheiro,
 A flor que deu rindo ao seu triste parceiro
 A minha irmãzinha da infancia, na hora
 Da minha partida. E esta flor é agora
 O que inda me aleuta.

Correi, prantos meus,
 Correi que sereis abençoados por Deus:
 Vós sois de saudades dos tempos mais santos
 Que tenho vivido!

Correi ó meus prantos...
 P. SOARES.



O pôr do sol

(A SAMUEL CHAVES)

A tarde agonisava.
 As auras vespertinas sopram
 meigamente sobre a terra, pa-
 recendo entoarem canticos aereos.
 E' a despedida ao grande e po-
 deroso sol, que, lento e tristonho
 desce por traz das serranias

alcantiladas, aureolando, com sua
 luz frouxa e opalina, a fronte
 magestosa das montanhas e a
 copa altaneira dos arvoredos.

Os passarinhos, que, de quan-
 do em quando, quebram, com
 pios gemedores, o silencio mo-
 notono do firmamento, agitam
 pressurosos suas azas pequeni-
 nas, em demanda do seu ninho
 querido.

O mocho, com seus cantos
 funebres e agoureiros, annuncia
 a proxima vinda da noite, em-
 quanto o pobre lavrador, vaga-
 roso e esfalfado, volve ao seio
 de sua familia extremecida, a
 oscular, saudoso, a fronte de sua
 esposa santa e as faces angelicas
 de seus filhinhos.

E' a esta hora do crepusculo,
 quando a noite ameaça obum-
 brar o espaço com a tristeza de
 seu manto e com a melancolia
 de seu silencio, que elle, o po-
 bre camponez, vê raiar a ver-
 dadeira aurora de seu dia.

... E o sol desce, desce, cada
 vez mais sombrio e merencorio,
 desenhando, para o lado afo-
 gueado do poente, um quadro
 inimitavel, sublime!

Immenso turbilhão de nuvens,
 ora leves e diaphanas, ora vivas
 e pardacentas, cercam o glorioso
 astro, o rei do firmamento, re-
 flectindo, na immensidade dos
 mares, a sua luz pallida e amor-
 tecida.

Nem Raphael, com o colorido
 expressivo de seu pincel de mes-
 tre, nem Dante com a belleza de
 suas rimas melodiosas, poderiam
 representar em uma tēla ou

sobre as paginas irradiantes de um livro immortal, a perfeição e a poesia encerradas nesse quadro grandioso, que só pode ter por auctor a mysteriosa natureza!

E' isto a agonia final do sol já moribundo. Suas scintillações são osculos carinhosos de despedida, que elle lança ás campinas verdejantes e ás vagas rugidoras do Oceano. São, emfim, o derradeiro adeus, que, saudoso e triste, envia á terra agradecida!

18 de Dezembro de 1897.

DE VASCONCELLOS.



Agradecimento

A Comissão abaixo firmada, encarregada de prestar homenagem á saudosa memoria do nosso pranteado Mestre, agradece á todos aquelles que contribuíram para a realisação do fim a que se propunha.

HENRIQUE MACEDO
BRENNO MUNIZ DE SOUZA
QUINTINO MACEDO
PEDRO SOARES
RODOLPHO IHERING.

Publicações

Recebemos as seguintes:

O Malho, O Paladino, A Evolução, O Arauto, O Boi, O Invisível, O Mão e Cecy, desta Capital; *Cruz Alta*, de Cruz Alta; *O Cachoeirense*, de Santo Antonio da Cachoeira; *O Colibri*, ds Livramento; *O Estudo e A Violeta*, de Taubaté; *Leituras Religiosas*, da Bahia; *A Vida Valenciana*, de Valença; *A Noticia e A Tesoura*, de D. Pedrito; *O Pharol*, da Cidade de Paraty; *O Tempo*, da Limeira; *A União*, do Recife; *O Athleta*, de Porto Alegre; *A Semana*, da Cidade do Assú; *O Futuro*, da Laguna; *A Lyra*, de Caçapava e *O Tieté*, de Tieté.

Agradecidos Permutaremos.



Exposição Jornalista



Recebemos ha dias da Bahia a seguinte circular:

«EXPOSIÇÃO JORNALISTA
Appello á Imprensa Nacional

Illustres Redactores

Tendo em vista escrever a historia dos Jornalistas e do Jor-

nalismo do Brazil deliberamos continuar com a organisação da exposição Jornalista projectada e pôsta em execução na Capital Federal pelo nosso companheiro Aristides de Campos Seabra, abaixo firmado, pelo que, appellando para o patriotismo e amor ás lettras dos Illustres Redactores pedimos remctter-nos alguns exemplares do Jornal que brilhantemente redigem.

Antecipamos os nossos agradecimentos.

Somos de VV. S.S. admiradores.

Lamberto Reis de Athayde,

Mario Meira e Aristides de Campos Seabra,
academicos de medicina

Exposição Jornalista
FUNDADOR:

Campos Seabra

Directores:

Lamberto Reis de Athayde,
Mario Meira e Campos Seabra

Endereço:

Exposição Jornalista Rua 28 de
Septembro n. 7 Bahia.

(Pedimos publicar a presente circular)

Rua 28 de Septembro n. 7 —
Bahia ».



A BORBOLETA

Esta revista publicar-se-á mensalmente, por fasciculos de 8 a 12 pags.

Os authographos não serão restituidos, ainda que não publicados.

Pelos artigos insertos nesta revista, só serão responsaveis os seus auctores.

ASSIGNATURAS

CAPITAL E ESTADOS

Semestre. 4\$500 Trimestre 2\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Alto da Moóca, 196 — S. Paulo.

GERENTE

JOAQUIM T. CARVALHO

